

Mariazinha

Quando chegou do sertão, faz alguns anos, parecia triste, carregava no rosto mulato uma expressão sombria de gente infeliz. Viu-se depois que não era nem triste nem infeliz, era apenas uma mulher feia, de pouco trato, já àquele tempo passada dos quarenta, cozinheira de profissão, inupta, natural de Itapipoca — e aportou à capital atraída pelo mar. Mas bem cedo se curou deste desejo de mar: logo no primeiro domingo, passou na praia o dia todo, não veio almoçar, ficou-se por lá, à-toa, sem conhecer ninguém, comendo bagulho, tomando sorvete, pois isto de sair sem rumo e comer ao acaso é muito do seu temperamento: quando lhe dá na telha, vai por aí, sozinha, contando, graças a Deus, para satisfazer este bizarro gosto, com extraordinária capacidade de orientação. A ponto de caçoarem, dizerem que ela tem parentesco com pombo-correio.

Chama-se Maria do Socorro Gomes, mas pediu, desde que chegou, que a tratassem por Mariazinha. E, embora não seja de enxerimento fácil, é de muita palestração pela cozinha e adjacências, tem pontos de vista e preferências bem definidos, discorre sobre a vida muito a seu modo, sem fazer nenhuma concessão e sem aceitar idéias alheias — isto tudo apesar da ignorância irremediável. Ou por causa dela.

Tudo indica que, ao tempo da mais jovem juventude, não foi indiferente a casamento, mas achava e acha ainda

hoje que do casamento só se salva mesmo o noivado, ou, mais especificamente, o peditório, aquela cerimônia de vir o moço e “pedir a mão da sua filha”. E esta expressão que na sua boca toma caráter sacramental, Mariazinha pronuncia com muito regalo e profundo respeito.

Não vê, ela não perde vez de contar o mais bonito noivado a que assistiu na sua vida, numa casa onde foi empregada nos tempos de patrasmente. Estava a moça, filha dos patrões, gostando dum doutor formado e na sala de visitas, na cerimônia do noivado, depois que as clássicas palavras de pedir e de conceder a mão foram proferidas, correu cerveja, as alianças foram colocadas e a maestra (assim ela trata a pianista), atacou no piano o hino nacional. Mariazinha conclui triunfante:

— Eu fiquei toda arrupitada!

Não chegou a ter um peditório nestes termos, mas bem que lhe ocorreu coisa semelhante, certa vez, numa estação ferroviária, quando se preparava para uma das suas felicidades, que é andar de trem. Diga-se em tempo que não lhe cansam as longas viagens de trem — antes pelo contrário, quanto mais lenta, quanto mais o trem quebra, tanto melhor. Assim a viagem dura mais, diz ela. Se for de noite, escuro, e se chover, ocorre-lhe então a felicidade completa.

Estava Mariazinha a esperar seu trem, que não devia tardar, quando um caboclo tomou chegada, ficou de prosa e de repente lhe fez a proposta de “viver mais ele”. Foi tudo assim muito direto e muito rápido muito simples.

— Eu? indagou a dita Mariazinha. Vai pra lá com esta palavra! Eu quero é tomar meu trem...

Assim, por causa da paixão pelo trem, perdeu sua derradeira chance de conluio amoroso. Mas tudo indica que os prazeres da carne não a deitarão no inferno — Mariazinha goza a vida a seu modo, ama crianças e bichos, principalmente gatos e algumas aves que elege, a que se afeiçoa e trata com mimos e fidelidade a que pouca gente tem direito.

Teve tempo que Mariazinha andou padecendo de um certo pânico — foi justamente quando seu quarto, no corpo da casa, teve de ser ocupado por hóspedes, que demoraram bastante — e ela passou a habitar um quarto isolado, no quintal. Quando todo mundo receava que ela deixasse a casa, quando se esperava que aquele medo constantemente verbalizado viesse ter conseqüências desastrosas, Mariazinha encontrou a solução mais inesperada: levou um frango como companheiro, um frango que ela criara de pequeno — e naquele frango, versão particular, moderna, (mal comparando), dos gansos do capitólio, Mariazinha deitava a sua confiança. Achava que se viesse ladrão, o frango haveria de dar alarme.

E, ao tempo das inundações, enquanto todos se preocupavam com a população das cidades alagadas, quase submersas, Mariazinha pensava nos bichos, manifestando-se em tom de desespero:

— Eu só penso nos boizinhos, nas vaquinhas, nas cabras, nas galinhas que a correnteza vai levando.

Quando a patroa a repreendeu pela falta de espírito de solidariedade para com os miseráveis desabrigados, Mariazinha se justificou:

— Gente o governo protege. E os pobres dos bichos?

Lá na casa em que, a bem dizer, se agregou, veio uma vez uma pedinte e Mariazinha foi levar-lhe uma esmola, mas a modo que esquecera a que fora, ficou longo tempo numa conversa interminável, intercalada de risadotas e cochichos. A patroa lhe recriminou então aquele desfrute de conversa com a mendiga desconhecida e Mariazinha informou muito lampeira:

— É coleguinha de gato. Ela também cria uma porção de bichinhos...

Tirante estas distrações domésticas, Mariazinha ama o carnaval: não perde uma tarde. Acompanhando o desfile dos blocos, aplaudindo, punindo pela Escola da sua estima e quase sempre volta descontente com o resultado

dos concursos. Pelas festas de fim-de-ano também sai em longas sarandaiadas e no Natal, especialmente, começa pela chegada dos caboclos em Parangaba, percorre esta cidade de ponta a ponta, parando onde bem entende, matando a fome com bolo de tabuleiro e a sede com refresco.

Tem também que Mariazinha gosta de terminar suas saídas nas grandes festas, parando, altas horas, à porta das delegacias de qualquer distrito, “pra ver a chegada dos bêbo, tudo prêso”, informa.

Pois este amor de pessoa e de empregada, meio ingênua, meio doida, boa, humana, espontânea, sincera, analfabetíssima, senhora de tanta personalidade, Mariazinha, que conhece bem os mistérios da cozinha, que faz ao fogão excelências tão pessoais, que tem receitas particulares intransmissíveis, agora quer ir embora. Meteu na cabeça que o seu destino é o Piauí — e está de mala feita, não tem quem a demova do seu propósito.